

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

ARTHUR PIZANI ULHÔA

**O BINÔMIO ATIVIDADE-PASSIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA  
TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN LAPLANCHE**

Belo Horizonte  
2015

# **O BINÔMIO ATIVIDADE-PASSIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DA TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN LAPLANCHE**

Relatório final, apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais, Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica, como parte das exigências para a obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica.

Belo Horizonte, 21 de setembro de 2015.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho  
(orientadora)

---

Prof. Dr. Fábio Roberto Rodrigues Belo

---

Prof. Ms. Alberto Luiz Rodrigues Timo

## Sumário

Introdução .....	3
Capítulo 1: Atividade-passividade em Laplanche: os novos fundamentos para a Teoria da Sedução Generalizada .....	6
1.1. A delimitação de um campo teórico: atividade-passividade em Laplanche – um diálogo com outros campos do conhecimento .....	6
1.2. O diálogo de Laplanche com a psicanálise: os avanços a partir de Ferenczi .....	11
1.3. Atividade-passividade em Laplanche: rumo a novos fundamentos .....	15
Capítulo 2: Atividade-passividade na teoria freudiana .....	20
2.1. Atividade e passividade em Freud: uma breve retomada dos textos inaugurais sobre a pulsão .....	20
2.2. Laplanche e a retomada das formulações freudianas acerca da gênese da sexualidade .....	27
2.3. A teoria da sedução freudiana: uma inspiração para a construção teórica do binômio atividade-passividade por Laplanche .....	30
Considerações Finais .....	38
Referências Bibliográficas .....	41

## **Introdução**

Desde sua criação a psicanálise foi um campo de conhecimento que esteve em constante reformulação, passando por revisões conceituais e mudanças de perspectiva com frequência. Tal movimento, iniciado pelo próprio Freud na construção da teoria psicanalítica a partir da clínica, teve sua continuidade com os pós-freudianos e ganhou algum destaque na pena de alguns autores específicos, especialmente na França da segunda metade do século XX. Assim, tanto Jacques Lacan quanto Jean Laplanche foram importantes figuras na interpretação da obra freudiana e na retomada de conceitos fundamentais, em uma tentativa de resgatar a experiência psicanalítica em sua origem, com a conseqüente proposição de avanços importantes desta teoria.

Ao contrário de Jacques Lacan, que buscou realizar tal interpretação garantindo um estatuto de legitimidade para a psicanálise a partir de uma base filosófica, e em detrimento do próprio Freud, que apoiava seus escritos em uma matriz biomédica na tentativa de garantir estatuto científico à psicanálise, Jean Laplanche empreendeu uma cuidadosa leitura da obra freudiana a partir de uma metodologia distinta. Para ele, a psicanálise, dada sua singularidade e o caráter inédito da racionalidade que inaugura, deve ser elucidada não através de um método estrangeiro de leitura, mas sim através da própria psicanálise. Assim, utilizando o método psicanalítico e empreendendo uma leitura atenta não apenas a seus pontos fortes, mas também a suas “fraquezas, contradições, incoerências e aporias” (Tarelho, 2012, p.98), Laplanche buscou “fazer a obra freudiana ‘falar’” e, desse modo, revelar sua essência.

Tal processo de reformulação se mostra fundamental, incrementando novas conceituações a partir dos buracos deixados por Freud na construção de sua teoria, sobretudo conceitos centrais que vão sendo abandonados ao longo de sua obra e que ganham, na pena de Laplanche, um papel central na compreensão do ser humano enquanto sujeito atravessado pelo

inconsciente. Retomando a teoria da sedução em Freud, que denomina restrita, o autor pensa novas possibilidades de se conceber o aparelho psíquico, resgatando a essência da sexualidade em sua constituição e funcionamento. Neste movimento, Laplanche constrói uma nova concepção acerca da constituição psíquica, na qual se veem reformulados e entrelaçados alguns conceitos fundamentais, especialmente os conceitos de pulsão e de recalçamento. O autor o faz a partir de uma lógica que ressitua a história de vida do sujeito e sua relação com o outro como elemento central, localizando, na história de todo ser humano, um momento específico com condições bem delimitadas e necessárias para a fundação do inconsciente.

A situação originária – mais tarde formulada como situação antropológica fundamental – postulada por Laplanche tem, neste sentido, a pretensão de se localizar como acontecimento universal e inelutável da experiência humana, e diz respeito à relação de cuidado entre uma criança e um adulto. Esta relação, segundo o autor, é marcada de maneira inevitável pela dissimetria, na qual a criança vê-se inteiramente passiva diante de um adulto que é ativo, desviante (Laplanche, 1987), implantando nela a sexualidade.

Nos limites deste trabalho pretendemos, em virtude do alcance das teorizações de Jean Laplanche e dos avanços propostos à psicanálise por ele, retomar em seu percurso teórico a questão do binômio atividade-passividade e sua centralidade na construção de sua teoria da sedução generalizada, interrogando-nos qual o estatuto que tal conceito ganha na formulação de uma teoria do aparelho psíquico e da constituição da subjetividade. Para tanto, pretendemos realizar a leitura de textos centrais do pensamento de Laplanche, buscando identificar em que medida se dá a concepção deste binômio enquanto elemento nevrálgico de sua teoria. Pretendemos retomar a formalização da Teoria da Sedução Generalizada especialmente a partir de *Novos fundamentos para a psicanálise* e *Vida e morte em psicanálise*, bem como textos de seus seguidores em estudos e discussões de sua teoria. Em um segundo momento, pretendemos retomar o binômio atividade-passividade, na obra freudiana, buscando compreender qual o

caráter atribuído a ele na concepção do aparelho psíquico e em que isso difere do uso que Laplanche faz deste artifício teórico para explicar a fundação do inconsciente.

## **Capítulo 1 – Atividade-passividade em Laplanche: os novos fundamentos para a Teoria da Sedução Generalizada**

A Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche (1924-2012) tem se configurado como uma das contribuições mais importantes à psicanálise nos últimos anos, marcando um processo de renovação do campo psicanalítico a partir de uma retomada meticulosa e atenta da tradição freudiana e, em algum nível, da lacaniana. (Tarelho, 2012). Gestada ainda no tempo de uma proximidade com Jacques Lacan e gradativamente encorpada ao longo dos anos seguintes – sobretudo após o Congresso de Bonneval de 1959, quando se evidencia a discordância de Laplanche de teses fundamentais de seu mentor –, teve sua formalização exposta em um primoroso trabalho de 1987, intitulado *Novos fundamentos para a psicanálise*. A partir desta obra, estava lançada a base da contribuição de Laplanche ao campo psicanalítico, contribuição esta que reformula, de certa maneira, alguns conceitos essenciais na práxis psicanalítica, como os conceitos de pulsão, de recalçamento e inconsciente.

Na apresentação formal da Teoria da Sedução Generalizada (Laplanche, 1992), bem como em outros ensaios anteriores, Jean Laplanche postula o que seria um dos fundamentos de sua articulação teórica: a premência do binômio atividade-passividade na fundação do inconsciente e, portanto, do ser humano enquanto concebido pela psicanálise. Buscaremos, ao longo deste capítulo, elucidar a centralidade deste par nos novos fundamentos propostos por Laplanche, marcando sua característica como elemento nevrálgico do pensamento deste autor.

### **1.1. A delimitação de um campo teórico: atividade-passividade em Laplanche – um diálogo com outros campos do conhecimento**

O percurso teórico de Laplanche na construção de sua Teoria da Sedução Generalizada passa pela tentativa de elucidação do que seria uma situação originária de passividade da criança

diante do adulto. Para tanto, Laplanche retoma, a partir de um ponto de vista crítico orientado pela psicanálise, diversas perspectivas correntes na época que o ajudam a delimitar o que seria a situação originária, passando pela psicologia, pela antropologia e pela filosofia. Nesta direção, busca delimitar aquilo que chama de originário, enunciando, a partir do campo psicanalítico, a dimensão da passividade aliada ao desamparo do bebê humano enquanto elementos centrais nesta concepção.

Em um primeiro momento, nos *Novos fundamentos*, Laplanche reflete sobre o estatuto do bebê humano segundo a psicologia em sua vertente biológica: um organismo puro, uma máquina orgânica; ora um bebê fechado em si mesmo com suas montagens adaptativas tendendo à homeostase, ora um bebê enquanto tábula rasa sem vetores de orientação (Laplanche, 1992). A partir desta reflexão, o psicanalista procura resgatar os elementos que considera importantes na composição de sua Teoria da Sedução Generalizada, distinguindo-a da concepção psicológica. Recupera, assim, a noção de prematuraçã do indivíduo do ponto de vista biológico – a prematuraçã adaptativa – para logo em seguida diferenciá-la da prematuraçã do ponto de vista da vivência da sexualidade.

Distinguindo as duas perspectivas, Laplanche associa a prematuraçã adaptativa à imaturidade do bebê do ponto de vista da formação das estruturas orgânicas necessárias à sobrevivência, o que determina que o recém-nascido, muito mais do que ocorre em outras espécies de animais, *necessite* do suporte ofertado por um indivíduo maduro da mesma espécie para lhe fornecer os elementos básicos para a sobrevivência, como alimento, proteção, e, posteriormente, educação. Já no que diz respeito à prematuraçã no campo da sexualidade, fato que interessa à psicanálise e cuja concepção só pode existir a partir deste referencial teórico, Laplanche atesta que o recém-nascido enfrenta um confronto com a sexualidade – o mundo adulto – para o qual não tem uma reação possível. Tal circunstância é comparada com aquilo que Freud denomina de “pré-sexual”, um momento em que a criança não tem condições de

responder de maneira adequada àquilo que lhe chega de modo tão intenso, inesperado, arbitrário – as excitações, muitas vezes corporais, despertadas no cuidado constante ofertado pelo adulto:

É a confrontação de um indivíduo cujas montagens somatopsíquicas situam-se predominantemente no nível da necessidade, com significantes que emanam do adulto, ligados à satisfação dessas necessidades, mas veiculando consigo a potencialidade, a interrogação puramente potencial de outras mensagens – sexuais. (Laplanche, 1992, p.138)

Para nomear esta circunstância – esta inabilidade de compreensão da criança diante de algo que lhe chega do mundo adulto –, incluindo-a em uma tentativa de compreender as origens do psiquismo, Laplanche retoma o termo freudiano *Hilflosigkeit*, o qual traduz por desajuda ou insocorro. A partir disso, o autor busca compreender de que maneira se dá esta relação originária, encarando-a enquanto marcada por dois polos que se relacionam de maneira dissimétrica: o primeiro, do lado da passividade, a própria criança, que se encontra em estado de “desajuda” ou “insocorro”, “o estado de um ser que, se entregue a si mesmo, é incapaz de ajudar-se por conta própria: precisa, portanto, de ajuda externa” (Laplanche, 1992, p.104), seja na dimensão da manutenção da própria homeostase quanto na proteção contra perigos externos; o outro polo, do lado da atividade, o adulto, que de maneira ativa cuida da criança e desperta nela determinados tipos de excitações.

Vemos que, a partir desta reflexão acerca da psicologia, Laplanche introduz a noção de uma relação originária que, segundo sua concepção, está intrinsecamente marcada pela polaridade própria ao binômio atividade-passividade. É na discussão com os interacionistas, contudo, que se desenvolve uma conceituação propriamente laplancheana do binômio atividade-passividade. Mas de que maneira o autor levanta tal discussão?

A fim de propor uma generalização da teoria da sedução freudiana, Laplanche defende a necessidade de uma revisão do binômio supracitado, escrevendo que “A generalização que propomos avança, portanto, e sobretudo sob a forma de novo questionamento teórico. Seu

primeiro fundamento, inclusive, é muito precisamente filosófico: *uma “reinterrogação do binômio atividade-passividade”*.” (Laplanche, 1992, p.130). Vê-se, assim, na necessidade de recusar a visão desenvolvimentista corrente na época: a de que bebê e mãe interagem um com o outro, ocupando lugares ativos na relação inicial.

Nesta direção, no intuito de delimitar a perspectiva que constrói a respeito da relação originária em contraposição ao interacionismo, Laplanche dialoga com a filosofia, mais precisamente com os cartesianos e especialmente com Leibniz, recuperando as noções de passividade e atividade propostas por ele. Segundo o filósofo, passividade define-se enquanto resultado da imperfeição do ser e, assim, determinante de sua submissão à ação de outro; e atividade, ou o agir, enquanto diretamente relacionada à perfeição do ser. A perfeição, neste caso, estaria dada pela capacidade de explicar a priori o que se passa no outro, motivo pelo qual a ação pode se dar sobre este outro.

É precisamente este o ponto que Laplanche rejeita no cartesianismo, uma vez que entende que a passividade está intrinsecamente colocada do lado da criança no contexto da relação originária, sendo que isto não diz respeito, em essência, à perfeição ou imperfeição da mesma. O fator determinante da passividade, no caso da situação originária que Laplanche quer postular, não seria exatamente a perfeição do adulto, no sentido da riqueza de seu mundo psíquico em comparação ao da criança, mas antes diria respeito ao desconhecimento por parte desse adulto do conteúdo sexual das mensagens que veicula no cuidado com a criança:

o confronto adulto-criança envolve uma relação essencial de atividade-passividade, ligado ao fato inelutável de que o psiquismo dos pais é mais “rico” que o da criança. Mas, ao contrário dos cartesianos, não falaremos aqui de maior “perfeição”, pois essa riqueza do adulto é também sua enfermidade, sua clivagem em relação ao seu inconsciente.

Por meio do termo *sedução originária* qualificamos, portanto, esta situação fundamental em que o adulto propõe à criança significantes não verbais assim como verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes. (Laplanche, 1992, p.134)

Partindo desta construção, Laplanche rejeita a concepção interacionista, localizando a essência da relação originária, conforme a concebe, na dissimetria enunciada pelo par atividade-passividade. E juntamente com isso, avança também sobre uma perspectiva antropológica na qual se apoia para posteriormente criticar. Mas qual seria esta perspectiva?

Para Laplanche, é de fundamental importância a contribuição antropológica de Margaret Mead para a psicanálise, especialmente após a releitura feita por Merleau-Ponty. Isto porque se coloca em questão, a partir de ambos os autores, o caráter universal do Édipo, buscando-se qualificar outra situação que não a edípica enquanto universal e, portanto, originária do psiquismo. Neste sentido, Laplanche concorda com ideia de Mead – desenvolvida em seu percurso teórico incluído no culturalismo<sup>1</sup> – de que o fato gerador fundamental do psiquismo não é necessariamente a vivência do Édipo, mas sim “o problema do acesso do recém-nascido ao mundo adulto” (Laplanche, 1992, p. 133), ou, a partir de Merleau-Ponty, o fato de que “há filhos que começam a ser fracos e pequenos ao mesmo tempo que se associam estreitamente à vida adulta” (Laplanche, 1992, p. 97).

O avanço que o psicanalista propõe em relação a estas perspectivas se dá, contudo, na introdução da qualidade da mensagem enquanto elemento caracterizador do mundo adulto e diretamente relacionado com a dissimetria que se expressa em sua relação originária, com a criança, marcada pela atividade-passividade:

---

<sup>1</sup> Ramo da antropologia surgido na primeira metade do século XX, com evidência sobretudo nos Estados Unidos, que busca empreender uma descrição da sociedade a partir de uma perspectiva que considera a psicanálise, considerando a influência da cultura na personalidade dos indivíduos. Laplanche prefere caracterizar o culturalismo enquanto um estudo dos parâmetros psicanalíticos em função das diferenças culturais (Cf. Laplanche, 1992, p.97).

Este mundo adulto não é um mundo objetivo que a criança teria que descobrir e aprender, como aprende a andar ou manipular as coisas. Caracteriza-se ele por mensagens no sentido mais amplo do termo (linguísticas ou simplesmente languageiras: pré ou paralinguísticas) que interrogam a criança antes que ela as compreenda e às quais deve dar sentido e resposta, o que é uma só e mesma coisa. (Laplanche, 1992, p.133)

Vemos, a partir do percurso teórico empreendido por Laplanche conforme exposto acima, que ele buscou fundamentar a construção de sua Teoria da Sedução Generalizada em um diálogo com outras áreas do conhecimento a partir do qual delimita as especificidades daquilo que se constitui como elemento central nesta teoria: a situação originária. Neste viés, vemos que dentre as delimitações propostas, o caráter essencial da dissimetria da relação entre adulto e criança nesta situação ganha destaque e se repete enquanto ponto de ancoragem evidente. E com isso, ganha um novo estatuto em psicanálise o binômio atividade-passividade. Mas não seria isso possível somente a partir de um diálogo com outros psicanalistas? É sobre esta questão que refletiremos a seguir.

## **1.2. O diálogo de Laplanche com a psicanálise: os avanços a partir de Ferenczi**

Laplanche postula a existência de um momento crucial na história de cada indivíduo humano em sua infância mais primitiva, do qual não é possível escapar, e que ele chama, a princípio, de *situação originária*. Nas palavras do autor, “A situação originária é o confronto do recém-nascido, da criança [*infans*] no sentido etimológico do termo, aquele que ainda não fala, com o mundo adulto.” (Laplanche, 1992, p.96). De fato, como pudemos observar, tal postulação parte de um movimento de delimitação de um campo teórico e conceitual em detrimento de outras áreas do conhecimento, como a psicologia, a antropologia e a filosofia. O que não podemos perder de vista, contudo, é que o avanço teórico proposto por Laplanche se dá também em diálogo com autores da própria psicanálise, sobretudo Freud e Ferenczi, além

de Lacan. No escopo do presente trabalho, deter-nos-emos a Freud e Laplanche, o que não nos impede de comentar neste momento, ainda que de maneira breve, sobre a inspiração “ferenciana” de Laplanche na construção de sua Teoria da Sedução Generalizada.

Sándor Ferenczi (1873-1933) contribuiu de maneira importante na fundação e na disseminação do conhecimento psicanalítico, sendo um dos principais discípulos e colaboradores de Freud na Hungria no início do século XX. Construiu um percurso teórico que o afastou da tradição freudiana em suas últimas publicações, sobretudo no que tange à reformulação da prática clínica e de seus objetivos a partir da retomada da teoria da sedução freudiana para a construção de uma outra perspectiva a respeito do trauma, como nos informa Felícia Knobloch (Knobloch, 1998). Fato que não passou despercebido para Laplanche em seu próprio percurso de retomada da teoria da sedução freudiana.

Ferenczi desenvolveu, em seu percurso teórico, a noção de que a situação originária, que é base do trauma e assim propicia a formação de mecanismos defensivos diante dele, é fundamentalmente um confronto entre a criança e o adulto, confronto este que a fantasia histórica denuncia. Knobloch (1998) retoma os escritos de Ferenczi para afirmar que, para ele, os adultos podem ir longe em sua paixão erótica pelas crianças, infligindo punições e ameaças que abalam e produzem um choque violento, sendo totalmente incompreensíveis, uma vez que se configura aí uma “confusão de línguas”:

É importante destacar que, para Ferenczi, a violência do choque é dada pela incompreensão devida à confusão de língua entre o adulto e a criança.

Assim, para Ferenczi, na infância, juntamente com o complexo de Édipo, há, por trás de uma máscara de ternura, uma tendência incestuosa dos adultos, uma linguagem da paixão, que se manifesta nas ameaças e punições em relação às crianças. Estas, com sua demanda de ternura e verdade, não conseguiriam entender esta paixão e, por isso, vivem-na como um choque violento, como um “terrorismo” (Knobloch, 1998, p.50).

O elemento fundamental que distinguiria o mundo adulto do mundo da criança seria, portanto, uma diferença entre as línguas de ambos, uma vez que a criança “conversa” em uma linguagem da ternura, demandando isso do adulto, e o adulto só pode responder em uma linguagem da paixão:

A linguagem da paixão é a linguagem própria do adulto, já que estamos concebendo que este foi atravessado pela genitalidade. A partir dessa perspectiva, o adulto só dispõe do que Ferenczi chamou de linguagem da paixão, enquanto o infantil se caracterizará pela linguagem de ternura. Falar em linguagem da paixão é necessariamente pensar que a violência é inevitável no encontro com a criança. É a violência desse confronto em que a criança se vê obrigada a se haver com o que é desconhecido para ela que imporá uma busca de sentido. (...) Esse confronto, da criança com o mundo adulto, é muito mais do que uma passagem ritualizada (utilizando a expressão de Monique Schneider), é mais próxima de um choque, e o impacto que se dá nesse encontro será da ordem do traumático. (Knobloch, 1998, pp. 51-52).

Laplanche é partidário da ideia de Ferenczi e parte dela na medida em que preconiza o lugar do confronto entre o mundo adulto e da criança nas origens do psiquismo. Assim, afirma que a “situação originária, tal como Ferenczi a formula, é o confronto entre a criança e o mundo adulto. Pois, *a rigor*, e sejam quais forem as distorções que disso resultem, podem nos tornar, sem uma família, um ser humano, mas não sem esse confronto.” (Laplanche, 1992, p.133).

Contudo, o psicanalista francês avança em relação à ideia que lhe serve de inspiração em Ferenczi de que existe uma confusão de linguagem entre criança e adulto. Para Laplanche, o que existe é mais do que uma confusão, sendo da ordem do confronto, potencialmente traumático em virtude da dimensão de *Hilflosigkeit* da criança. (Laplanche, 1992; Campos, 2012). Assim, escreve que

É, portanto, justamente aqui que é preciso ir mais longe que Ferenczi, mas também por outro caminho que não o do lacanismo. Pois Ferenczi não dá o passo de levar em consideração que o que chama de “linguagem da paixão” (a linguagem do adulto) só é traumatizante na medida em

que veicula um sentido dele mesmo ignorado, ou seja, em que manifesta a presença do inconsciente dos pais” (Laplanche, 1992, p.134)

O confronto entre a criança e o mundo adulto se daria, na esteira de Laplanche, intrinsecamente associado à dissimetria característica da situação originária, da relação entre criança e mundo adulto, que aqui buscamos explorar. Essa tese acerca da inelutabilidade do par criança passiva/adulto ativo está posta de saída na formalização da Teoria da Sedução Generalizada, sendo a passividade sustentada enquanto elemento fundamental, conforme aparece nos *Novos fundamentos*:

A última característica dessa factualidade da sedução infantil será a mais essencial, pois define a própria sedução: é a relação de *passividade*, a passividade da criança em relação ao adulto. É o adulto que toma a iniciativa nas cenas que Freud descreve, insinua-se através de palavras ou gestos: a sedução é descrita como agressão, irrupção, instrução, violência. (Laplanche, 1992, p.117).

Tendo isto sido afirmado, passemos a uma apreciação dos desenvolvimentos teóricos empreendidos por Laplanche que garantem um novo estatuto para o par atividade-passividade na dinâmica psicanalítica, localizando-o enquanto um pilar fundamental de sua Teoria da Sedução Generalizada.

### 1.3. Atividade-passividade em Laplanche: rumo a novos fundamentos

Podemos retomar, aqui, uma concepção propriamente laplancheana desenvolvida a partir de um diálogo dentro da própria psicanálise e com outros campos do conhecimento. Segundo Laplanche, cada sujeito está destinado, uma vez nascido, a submeter-se ao cuidado de um adulto que se porta obrigatoriamente em uma posição de dissimetria diante desta criança, produzindo nela excitações que não têm, na situação humana, um caráter somente corporal, no sentido biofisiológico, mas sim comportam, vindos do adulto, o atravessamento pela sexualidade, apoiando-se nas funções de cuidado e subvertendo o biológico (Campos, 2012).

Mas o que dizer da natureza desses conteúdos, tratando-os como sexuais? Para Laplanche, a sexualidade transmitida pelo adulto no cuidado com a criança se verifica *realmente*, ou melhor, *efetivamente*, através das operações falhas: isto quer dizer que nas ações humanas, sobretudo esta do cuidado, algo carrega sempre um sentido não conhecido pelo sujeito, marca de seu próprio inconsciente e de seu atravessamento pela alteridade. Assim, Laplanche delimita o que caracteriza enquanto originário, como fato gerador principal em psicanálise:

O originário é, portanto, uma criança, cujos comportamentos adaptativos existentes, mas imperfeitos, débeis, estão prestes a se deixarem desviar, e um adulto desviante, desviante em relação a qualquer norma concernente à realidade (Freud o demonstra amplamente nos *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*), e eu diria inclusive desviante em relação a si mesmo, na sua própria clivagem. Ainda é preciso acrescentar a nuance de que, permanecendo a criança presente no adulto, o adulto diante da criança será particularmente desviante, levado à operação falha, até o sintoma, nessa relação com esse outro ele mesmo, esse outro que ele mesmo foi. A criança diante dele faz apelo ao infantil nele. A relação originária se estabelece, devido a isso, num duplo registro: uma relação vital, aberta, recíproca, que podemos perfeitamente dizer interativa, e uma relação onde está implicado o sexual, onde a interação não ocorre mais, pois a balança é desigual. No ser humano, nem sempre há ações e reações iguais entre si, como quer a

física; nele, há um sedutor e um seduzido, um desviador e um desviado, conduzido para longe das vias naturais: “a Traviata”, “a desviada”, “a desencaminhada”, “a seduzida”. (Laplanche, 1992, p.110-111)

Laplanche introduz, assim, sua ideia central: a situação originária se caracteriza por uma situação de passividade da criança diante do adulto. Mas um adulto que também se vê atravessado pela própria sexualidade, ou seja, passivo diante da própria pulsão e incapaz de impedir a transmissão de algo do sexual para a criança da qual cuida. Aliás, a transmissão disso que é enigmático para a criança acontece, desta forma, justamente por ser também enigmático para o adulto. O par ativo-passivo na situação originária comporta, portanto, a própria passividade do outro (adulto) enquanto elemento fundamental na causação dos processos que culminarão na constituição da subjetividade.

Para tratar desta transmissão de conteúdos sexuais para a criança por parte do adulto, Laplanche resgata a teoria da sedução de Freud, a qual denomina teoria da sedução restrita. Retomando a primeira hipótese freudiana acerca da etiologia das neuroses, hipótese essa baseada na teoria do trauma e proposta a partir de um modelo que incluía a sedução da criança por um adulto enquanto origem da psicopatologia, Laplanche busca esclarecer como se dá, na relação de cuidado, a implantação da sexualidade e os processos tradutivos que culminam na estruturação do registro psíquico em sua dimensão tópica.

Contudo, a sedução na teoria de Laplanche, como vimos, só pode ser compreendida a partir da dissimetria na relação entre adulto e criança, ou seja, da centralidade do par atividade-passividade nesta dinâmica e em sua potencialidade traumática. Isso fica claro neste trecho dos

*Novos fundamentos:*

todos os escritos freudianos desta época estão cheios de exemplos desses chamados acontecimentos “de experiência sexual prematura”, na qual uma criança mais ou menos pequena é confrontada **passivamente** com uma irrupção da sexualidade adulta. A criança em questão,

nessa sedução que definimos como infantil, está sempre num estado chamado de imaturidade, de incapacidade, de insuficiência em relação ao que lhe acontece. Freud faz, em certos textos, essas lembranças remontarem até o segundo ano. Todavia a questão não é de pura cronologia, e sim, antes de tudo, de defasagem. É esta defasagem que é o terreno do trauma. (Laplanche, 1992, p.114) [nosso grifo].

Nesta retomada das teorizações de Freud acerca da sedução, Laplanche reitera que mesmo quando as repetições das cenas de sedução infantil englobam uma porção de atividade pela criança, elas são “sempre secundárias em relação a uma experiência na qual domina o caráter fortuito, inesperado, portanto, de novo o aspecto traumático e a passividade” (Laplanche, 1992, p.119). A repetição, colocando-se em posição ativa, nada mais é do que uma tentativa de elaboração destes primeiros momentos traumáticos, a exemplo do que acontece na neurose traumática do adulto.

Assim, constituição do psiquismo – da pulsão, essencialmente, e posteriormente das tópicas – e trauma são aproximados na elaboração de uma teoria da sedução que somente é válida na medida em que o componente de passividade faz-se presente em uma relação inaugural e inevitável. Ou seja, a teoria da sedução, generalizada por Laplanche no intuito de abarcar a constituição do psiquismo, ultrapassa a qualidade restrita da primeira teoria do trauma freudiana, circunscrita à psicopatologia,

entendendo que a sexualidade do adulto, que chega até a criança, não se limita ao atentado sexual perverso, mas encaixa-se na categoria de uma sedução generalizada. Isto é, nenhuma criança escapa das mensagens sexuais presentes nos gestos de cuidado do adulto, em seus comportamentos verbais ou não verbais, enfim, mensagens que estão presentes no cotidiano de sua relação com o adulto. Do lado do adulto, podemos dizer o mesmo, pois este não tem meios de se precaver contra a irrupção de conteúdos ligados à sua sexualidade infantil, por se tratar de conteúdos recalçados particularmente despertados na relação com uma criança. (Carvalho & Ribeiro, 2006, p.36)

A sedução originária é, portanto, para Laplanche, a essência, o fundamento das outras seduções – a sedução precoce e a sedução infantil postuladas por Freud tanto em sua primeira teoria das neurose quanto em textos como o *Leonardo* – a polaridade atividade-passividade (Sales, 2002). Assim, “os cuidados maternos ou o ataque “paterno” só são sedutores porque não são transparentes, mas opacos, veiculando o enigmático” (Laplanche, 1992, p. 137).

A passividade, pensada desta forma, é passividade não somente diante do cuidado do outro maduro, do adulto, mas sobretudo passividade da criança diante do enigma que lhe é imposto, demandando deste modo operações de metabolização que constituirão elas mesmas o inconsciente em seu sentido tópico na inter-relação com o recalçamento originário. Deste modo, em sua própria direção teórica, Laplanche localiza o binômio atividade-passividade como essencial na formalização da constituição da subjetividade a partir da Teoria da Sedução Generalizada, articulando-a à noção de *Hilflosigkeit* freudiana.

Por outro lado, é interessante ressaltar que no percurso desta construção teórica, Laplanche demonstra que alguns aspectos da teoria de sedução restrita de Freud vão sendo retomados ao longo de sua obra em um movimento que ensaia uma reconstrução da noção de sedução e da inclusão do adulto na cena em uma realidade de sedução efetiva da criança no momento dos cuidados necessários à sobrevivência da mesma. Contudo, Laplanche acredita que o fundador da psicanálise deixa de considerar aspectos essenciais neste percurso, mesmo quando retornam as temáticas acima descritas, passando despercebidos elementos centrais como a inelutabilidade da situação de sedução de uma criança por um adulto em virtude do atravessamento do cuidado pelo inconsciente do cuidador adulto. É desta maneira que Laplanche “postula a gênese da sexualidade infantil com base nas marcas deixadas pelas mensagens sexuais do adulto no psiquismo da criança, em vias de constituição” (Carvalho & Ribeiro, 2006, p.36), propondo a ideia de uma sedução originária que ocorre de maneira generalizada e reformulando, deste modo, a teoria da sedução de Freud.

Tendo analisado o sentido do par atividade/passividade como um dos pilares da teoria da sedução generalizada, passamos, em seguida, ao estudo desse mesmo par na obra freudiana com o intuito de verificar seus pontos de convergência bem como de afastamento relativamente ao que foi proposto por Laplanche. Ou, dito de outra forma, qual é a concepção de atividade-passividade em Freud que teria sido resgatada por Laplanche e, ao mesmo tempo, reformulada, garantindo-lhe outro estatuto na constituição da subjetividade? É o que tentaremos expor no capítulo seguinte.

## Capítulo 2 – Atividade e passividade na teoria freudiana

Freud parece ter considerado, desde muito cedo, a importância do binômio atividade-passividade na dinâmica do funcionamento do inconsciente, problema especialmente estudado sob a vertente do masoquismo e sadismo, sobretudo a partir da escrita dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905. Neste texto, Freud não só expõe as bases de sua teoria da pulsão, marcando o lugar central da sexualidade na vida psíquica, como também insere, de alguma maneira, a dinâmica da atividade-passividade no funcionamento pulsional. Quem nos aponta isso é o próprio Laplanche, quando escreve que “Freud teve o grande mérito e a grande audácia de situar esse binômio nas origens, tanto na teoria da pulsão, quanto, cronologicamente, no desenvolvimento da vida sexual”. (Laplanche, 1992, p. 130)

Mais adiante, Freud também retoma a questão da atividade-passividade com alguma frequência. Contudo, o binômio não parece ganhar estatuto de conceito fundamental na construção da teoria psicanalítica tal como adquire na Teoria da Sedução Generalizada em Laplanche. Neste capítulo pretendemos realçar os elementos que Freud teria fornecido como base para a compreensão do par atividade-passividade e que serão retomados na leitura laplancheana para sua própria conceituação acerca desse par.

### **2.1. Atividade e passividade em Freud: uma breve retomada dos textos inaugurais sobre a pulsão**

Laplanche e Pontalis (2001) nos apontam que, para Freud, o binômio atividade-passividade se configura como um par de opostos fundamental na vida psíquica, ganhando dois lugares específicos em sua teoria do aparelho anímico. Primeiramente, do ponto de vista genético apresentado nos *Três ensaios*, representa a oposição “primordial em relação às oposições posteriores às quais ela vem se integrar: fálico-castrado e masculino-feminino”

(Laplanche & Pontalis, 2001, p.42), surgindo de maneira clara na fase anal e adquirindo lugar fundamental no desenvolvimento psicosssexual do sujeito. Em segundo lugar, mas não menos importante, a partir de um raciocínio mais evidente em *O instinto e suas vicissitudes*, de 1915, atividade e passividade qualificam modalidades da vida pulsional, isto é, especificam “tipos determinados de metas e objetivos sexuais” (Laplanche & Pontalis, 2001, p.42), podendo ser identificados tanto nos comportamentos manifestos quanto em suas fantasias subjacentes, existindo sempre simultânea ou alternadamente ao nível da fantasia.

Atividade e passividade não se referem, pois, na obra freudiana, como nos advertem Laplanche e Pontalis (2001), a qualidades da pulsão, uma vez que esta é sempre ativa. Podemos encontrar uma confirmação para tal afirmação quando Freud escreve, em uma nota de rodapé acrescentada aos *Três ensaios* em 1915 – portanto ano da redação de *O instinto e suas vicissitudes* –, que a libido é sempre masculina, “pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo” (Freud, 1905/2006d, p.207); ou ainda quando lemos no próprio texto de 1915 a respeito do *Drang*, ou seja, da qualidade da “pressão” de toda pulsão:

Por pressão [*Drang*] de um instinto compreendemos seu fator motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. A característica de exercer pressão é comum a todos os instintos; é, de fato, sua própria essência. Todo instinto é uma parcela de atividade; se falarmos em termos gerais de instintos passivos, podemos apenas querer dizer de instintos cuja *finalidade* é passiva. (Freud, 1915/2006e, pp.125-126).

Assim, atividade e passividade parecem designar na obra freudiana tanto elementos originários e constantes nas fases do desenvolvimento psicosssexual (oral, anal e fálica), quanto metas pulsionais inerentes à construção da fantasia, que muitas vezes subjaz à fixação em um determinado papel sexual, seja ele ativo ou passivo.

Em seus *Três ensaios*, Freud parece tratar do par atividade-passividade a partir de duas perspectivas principais: a da perversão sexual, representando os comportamentos de sadismo e

masoquismo; e a de uma dualidade fundamental da vida psíquica destacável no desenvolvimento psicosexual. Na primeira direção podemos mencionar que quando Freud trata das perversões sexuais, especialmente na seção do primeiro ensaio dedicada aos desvios do alvo sexual, o psicanalista caracteriza atividade e passividade enquanto modos de exercício da perversão que considera a mais significativa: o par sadismo-masoquismo. Isto é, o alvo sexual encontra-se alterado nesta perversão – assim como no par voyeurismo-exibicionismo –, alteração esta que se apresenta de duas formas distintas e complementares: ativa e passiva. Em uma acepção mais concreta, atividade teria relação com infligir dor e passividade com sentir dor na atividade sexual enquanto caminho da obtenção do prazer. Atividade e passividade figuram, neste primeiro momento, enquanto qualidades da posição do sujeito em seu exercício de uma perversão sexual, adquirindo, portanto, um caráter associado à meta pulsional.

Na mesma direção, retomemos ainda *O instinto e suas vicissitudes*, sobretudo no momento em que Freud comenta o desenvolvimento da pulsão e seus destinos possíveis no decorrer da vida anímica. Neste trecho, Freud discorre sobre a reversão da pulsão a seu oposto, um dos dois destinos citados, tratando de sua transformação “em dois processos diferentes: uma mudança da atividade para a passividade e uma reversão de seu conteúdo.” (Freud, 1915/2006e, p.132). Para exemplificar tal assertiva, o autor resgata os pares de perversões já citados nos *Três ensaios*, sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo, tratando por meio deles do tema da ambivalência e incluindo nesta teorização de maneira central a atividade-passividade. Destarte, tanto sadismo quanto escopofilia (ou voyeurismo) ocupam o lugar de perversões marcadas pela finalidade ativa da pulsão, podendo ambos, no curso do desenvolvimento psicosexual, reverter-se em seu oposto (masoquismo e exibicionismo) a partir de um processo de transformação da atividade em passividade.

Ainda segundo Freud, a transformação da finalidade ativa originária da pulsão (dominar, infligir dor, olhar) em uma finalidade passiva secundária (submeter-se, sentir dor, ser olhado)

encontra-se também presente no segundo destino da pulsão tratado nesse texto: o retorno para o próprio eu. Escreve ele que

o retorno de um instinto ao próprio eu (self) de um indivíduo se torna plausível pela reflexão de que o masoquismo é, na realidade, o sadismo que retorna em direção ao próprio ego do indivíduo, e de que o exibicionismo abrange o olhar para o seu próprio corpo. (Freud, 1915/2006, p.132).

Desta maneira, a mudança de objeto (agora não é mais o eu que olha ou domina um objeto, mas torna-se ele mesmo o objeto do olhar ou da dominação de outro sujeito) vem acompanhada de uma mudança de finalidade, ao que afirma Freud:

a essência do processo é, assim, a mudança do objeto, ao passo que a finalidade permanece inalterada. Não podemos deixar de observar, contudo, que, nesses exemplos, o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem. (Freud, 1915/2006e, p.132).

O psicanalista discorre também sobre o surgimento do amor, do ódio e da ambivalência afetiva, momento no qual atividade e passividade são, da mesma forma, localizadas no âmbito da finalidade, a primeira dando lugar à segunda dentro da dinâmica da dualidade amar-ser amado.

Isto é, tanto a partir de uma primeira vertente, inicialmente apresentada nos *Três ensaios* para falar sobre as perversões sexuais, quanto em desenvolvimentos posteriores, especialmente em *O instinto e suas vicissitudes*, atividade e passividade encontram-se atrelados de maneira reiterada, na obra freudiana, a modos de satisfação da pulsão. Ou seja, qualidades da posição do sujeito diante do pulsional que permitem o apaziguamento do impulso, determinando tanto as perversões sexuais mencionadas, quanto a atitude perante o amor.

Apesar de tais desenvolvimentos dados à questão da atividade-passividade em ambos os textos, Freud ensaia ultrapassar esta ideia, quando propõe, ainda nos *Três ensaios*, que “o sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre

atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual” (Freud, 1905/2006d, p.150), afirmando também que as duas tendências são encontradas com frequência na mesma pessoa. Assim, escreve que é possível “relacionar a presença simultânea desses opostos com a oposição entre masculino e feminino que se combina na bissexualidade, oposição que amiúde é substituída na psicanálise pelo contraste entre ativo e passivo” (Freud, 1905/2006d, p.151). O que o autor demonstra ao avançar sobre sua concepção da atividade e da passividade unicamente enquanto formas de apresentação do desvio do alvo sexual – isto é, enquanto qualidades da posição do sujeito em determinadas perversões sexuais no intuito de obter satisfação – é que atividade e passividade encontram-se intrinsecamente ligadas à constituição sexual do ser humano e, conseqüentemente, também de seu psiquismo.

Tais ideias apontam em uma direção teórica, portanto, distinta, mas complementar à primeira apresentada. A partir deste desenvolvimento teórico, atividade e passividade, enquanto oposição correspondente a masculino e feminino, seria um componente do psiquismo presente em todos os indivíduos, definindo a bissexualidade constitucional do ser humano. Portanto, uma qualidade que poderíamos tratar pela via genética. Conforme nos aponta Maria Cristina Poli (2007),

nos Três ensaios para uma teoria sexual (FREUD, 1905/1973), texto inaugural de uma teoria psicanalítica da sexualidade, encontramos uma concepção que prioriza a via do exercício pulsional e não apenas as identificações edípicas. Depois de descrever algumas das características mais típicas da sexualidade nos meninos e nas meninas, há uma nota de rodapé, acrescentada em 1915, na qual o autor menciona a dificuldade na utilização dos termos "masculino" e "feminino" (p.1.223). Eles têm, escreve o psicanalista, ao menos três sentidos diferentes. São sinônimos de atividade e passividade, respectivamente; são atributos biológicos, associados à presença de glândulas específicas a cada sexo, produtoras de óvulos ou espermatozoides; por fim, são conceitos sociológicos, derivados da observação dos comportamentos dos indivíduos. Os sentidos biológico e sociológico, continua o autor, são

bastante questionáveis e relativos. Apenas a primeira destas definições interessa ao psicanalista. Sempre presentes, em diferentes medidas, atividade e passividade definem a bissexualidade constitucional dos humanos. (Poli, 2007, pp. 280-281).

Nesta vertente, a passividade pulsional é tomada enquanto qualidade que denota a feminilidade, ao passo que a atividade pulsional se aproxima da masculinidade, o que se manifesta após a resolução do complexo de Édipo, conforme desenvolvimentos ulteriores de Freud (Poli, 2007). A polaridade atividade-passividade aparece determinando fundamentalmente a bissexualidade constitutiva, expressando uma concepção originalmente psicanalítica a respeito do ser humano.

O binômio atividade-passividade configura, desta maneira, um dualismo próprio à vida psíquica (tal como eu-mundo exterior, prazer-desprazer, amor-ódio, etc), partindo de um raciocínio que Freud sustenta ao longo de toda a sua construção teórica e que se caracteriza pela primazia de um dualismo dialético na concepção do psiquismo e pela elevação do conflito ao status de motor fundamental da vida psíquica (Fontes, 2008). Pensando a partir desta perspectiva, o binômio atividade-passividade seria representante de uma qualidade própria ao psiquismo dividido do ser humano; um dos pares fundamentais da vida psíquica, em consonância com aquilo que Laplanche e Pontalis afirmam acerca da qualidade de oposição primordial da atividade-passividade em relação às oposições posteriores às quais ela vem se integrar (Laplanche & Pontalis, 2001).

O que podemos perceber é que esta qualidade “constitutiva” do binômio, na sua vertente de representante da divisão do psiquismo, está formalizada tanto nos *Três ensaios*, conforme nos apontam os últimos autores, como também neste trecho de *O Instinto e suas vicissitudes*:

Maybe chegemos a uma melhor compreensão dos vários opostos do amar, se refletirmos que nossa vida mental como um todo se rege por *três polaridades*, as antíteses

Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo)

Prazer – Desprazer, e

Ativo – Passivo (Freud, 1915/2006, p.138).

A polaridade ativo-passivo, a partir desta vertente, diz sempre respeito ao sujeito – ainda que em vias de constituição –, que seria coagido a uma atividade diante do mundo externo através de suas pulsões e passivo diante deste mesmo mundo na medida em que recebe dele estímulos. É dentro desta dinâmica que podemos incluir uma concepção genética de atividade-passividade, complementar ao ponto de vista da finalidade sexual.

Ambas as perspectivas surgem em Freud quando escreve sobre a pulsão sexual, sobre seu desenvolvimento e funcionamento no ser humano, evidenciando a tessitura de um conceito que, apesar de importante no entendimento do aparelho anímico freudiano, parece ocupar um lugar não muito essencial na sua concepção do processo de constituição psíquica.

Assim, após a apreciação destes textos de Freud nos quais ele faz considerações importantes acerca da polaridade atividade-passividade, que irão se estender para toda a sua obra com modificações<sup>2</sup> pontuais, faz-se necessário nos perguntarmos se Laplanche se apoiou fundamentalmente nestas ideias para construir seu próprio conceito de atividade-passividade, seja na vertente que prioriza a via do exercício pulsional, seja na vertente genética, mediante a qual o binômio representa um dos pares de opostos que expressam o funcionamento dinâmico do psiquismo marcado pelo conflito psíquico e, de modo geral, pelo dualismo, em um sentido dialético. Parece-nos, a partir dos conteúdos já discutidos, sobretudo na primeira parte deste

---

<sup>2</sup> Aqui poderíamos citar rapidamente a apreciação mais detida do autor quanto à questão do sadismo e do masoquismo a partir da segunda teoria da pulsão, com a reformulação que inclui os três tipos de masoquismo e seu caráter originário, anterior ao sadismo, desenvolvido sobretudo em *O problema econômico do masoquismo*. Citaríamos também as duas conferências sobre a feminilidade, de 1931 e 1932, nas quais Freud desvincula, de certo modo, a ideia de atividade e passividade de masculino e feminino, respectivamente.

trabalho, que a concepção de Laplanche a respeito da atividade-passividade ultrapassa a disposição freudiana conforme foi-nos possível observar, uma vez que atividade-passividade deixam de ser exclusivamente características da vida mental ou modos de satisfação libidinal para configurar-se enquanto condição *sine qua non* da existência da vida psíquica, qualificando de maneira intrínseca a relação fundamental e inescapável do ser humano com o outro. Uma relação, portanto, que precede e traz as condições necessárias para a fundação do psiquismo a partir da alteridade.

## **2.2. Laplanche e a retomada das formulações freudianas acerca da gênese da sexualidade**

Motivados pela releitura dos *Três ensaios* e de *Os instintos e suas vicissitudes* que acabamos de realizar, consideramos fundamental avaliar os aspectos que Laplanche priorizou na apreciação destes textos freudianos. Em *Vida e morte em psicanálise*, de 1970, Laplanche faz um estudo detalhado dos textos freudianos citados, atento à concepção de sexualidade e à origem da pulsão. Passa, assim, pela teoria do apoio, pelos conceitos de autoerotismo e de zonas erógenas, em um percurso que irá introduzir a dimensão da alteridade no processo de fundação do psiquismo.

Laplanche reavalia a teoria do apoio da sexualidade nas funções biológicas e atesta a premência do objeto da função biológica (o seio materno como o protótipo de objeto perdido) na gênese da sexualidade humana, mediante sua interiorização por contiguidade que dará origem ao autoerotismo. Um autoerotismo que, ao contrário do que atesta Freud expressamente, é objetal, depende da perda deste objeto externo da função biológica. Assim, Laplanche afirma que toda função ou processo vital podem "secretar" sexualidade, sexualidade essa que "está integralmente no leve desvio, no clinamen, a partir da função... Ela está nesse clinamen, mas

na medida em que este atinge a interiorização autoerótica” (Laplanche, 1985, p.29). Daí dizer que a verdade do apoio (“étayage”) é a sedução, ou seja, a partir de uma perda localizada a nível da ordem vital é que a sexualidade poderá ser instituída – de maneira marginal e no tempo do retorno em si mesmo – mediante a interiorização de um objeto, agora fantasiado:

O "étayage" é, pois, esse apoio da sexualidade nascente sobre atividades não sexuais, contudo, o aparecimento efetivo da sexualidade ainda não está aí. Esta só aparece, como pulsão isolável e observável, no momento em que a atividade não sexual, a função vital, destaca-se de seu objeto natural ou o perde. Para a sexualidade, o momento reflexivo (selbst ou auto-) é que é constitutivo, momento do retorno sobre si mesmo, "auto-erotismo", quando o objeto foi substituído por uma fantasia, por um objeto refletido no sujeito. (Laplanche, 1985, p. 92)

O raciocínio aplicado à análise do texto *Os instintos e suas vicissitudes* vai no mesmo sentido, uma vez que Laplanche faz uma distinção entre a agressividade e sadismo, localizando na primeira um processo de ordem vital, natural, autoconservativo, e no segundo um desdobramento fantasmático disso, ou melhor, uma essência sexual. O endereçamento de um impulso destrutivo, de ordem não sexual, para o objeto vital externo, dá origem à sexualidade mediante um movimento de retorno deste impulso para o indivíduo, de modo que

1º o primeiro tempo ativo, dirigido para o objeto exterior, só é designado por Freud como sádico de maneira imprópria ou por extensão, pois que se trata de um tempo não sexual, portanto propriamente dito agressivo, destruidor; 2º a sexualidade só aparece com o retorno sobre si, logo, com o masoquismo, de modo que no *campo da sexualidade*, o masoquismo já é considerado como primário. (Laplanche, 1985, p. 93)

Uma vez afirmado isso, Laplanche pode concluir seu raciocínio a partir de sua releitura dos *Três ensaios*, assim como dos *Instintos e suas vicissitudes*. Passando pela crítica às noções já estabelecidas por Freud de apoio, autoerotismo, agressividade, sadismo e masoquismo, lança

as bases de sua teoria acerca da origem da pulsão, enfatizando a relação entre adulto e criança.

Afirma o autor, sobre a pulsão:

A pulsão, em seu sentido próprio, no único sentido fiel à descoberta freudiana é a sexualidade. Ora, a sexualidade está integralmente presente no pequeno ser humano, *num movimento que desvia o instinto, que metaforiza seu alvo, que desloca e interioriza seu objeto, que concentra, enfim, sua fonte numa zona eventualmente mínima, a zona erógena.* (...) Essas zonas, pois, atraem as primeiras manipulações erógenas por parte do adulto. Fato ainda mais importante, se introduzirmos no jogo a subjetividade do primeiro parceiro, essas zonas *focalizam as fantasias parentais*, e sobretudo, *as fantasias maternas*, de tal forma que se poderia dizer, quase como imagem real, que elas são os pontos pelos quais *se introduz na criança este corpo estranho interno* que é, propriamente, a *excitação sexual*. (Laplanche, 1985, p.30-1)

Vemos, por meio deste trecho, que Laplanche realça a dimensão da alteridade na gênese da sexualidade, recusando a tendência biologicista de Freud. Laplanche atenta aos momentos da obra freudiana em que o outro é localizado em um lugar primordial na gênese da pulsão. Sua concepção sobre o estatuto das zonas erógenas deixa isso evidente, haja vista a caracterização dessas enquanto portas de entrada da sexualidade vinda do adulto, em virtude de seu lugar privilegiado nas trocas corporais entre infante e cuidador. Além disso, sua concepção acerca da natureza do sadismo e do masoquismo também reafirma esta posição teórica, que comporta a inclusão da passividade da criança diante do adulto, ou melhor, diante daquilo no adulto que aponta para a alteridade, enquanto elemento fundamental na gênese da sexualidade:

Se levamos essa idéia até o fim, somos conduzidos a acentuar o caráter privilegiado do masoquismo na constituição da sexualidade humana. Em seu próprio conteúdo, a análise dessa fantasia essencial que é a "cena originária" ou "cena primitiva" ilustraria igualmente isto: a criança, impotente em seu berço, é Ulisses atado ao mastro, ou Tântalo a quem se impõe e se inflige o espetáculo do coito parental. A essa perturbação da dor responde a "co-excitação" que não se pode traduzir, regressivamente, senão pela defecação: a posição passiva da criança em

relação ao adulto não é somente passividade na relação real com a atividade adulta, mas passividade com relação à fantasia do adulto que faz intrusão nela (Laplanche, 1985, p. 105).

Vimos pois que a análise empreendida por Laplanche dos textos freudianos inaugurais sobre a pulsão e a constituição da sexualidade infantil vem recolocar em primeiro plano o papel do outro na gênese da sexualidade humana. Vem resgatar, podemos dizer, a importância da sedução tal como esteve presente nas primeiras formulações freudianas, em sua teoria traumática das psiconeuroses. Tendo abandonado a teoria da sedução, Freud teria deixado de lado a prioridade do outro na constituição da sexualidade infantil e se orientado na direção de uma concepção biologicista da pulsão. Ao colocar em relevo a teoria freudiana do apoio como explicação para o surgimento da sexualidade humana, afirmando, no entanto, que a verdade do apoio é a sedução, Laplanche busca resgatar o papel central do outro na constituição da sexualidade e portanto do inconsciente. E foi exatamente nesse sentido que a teoria da sedução freudiana lhe serviu de inspiração para a construção teórica acerca do binômio atividade-passividade.

### **2.3. A teoria da sedução freudiana: uma inspiração para a construção teórica do binômio atividade-passividade por Laplanche**

Segundo nos apontam Carvalho e Ribeiro (2006), uma primeira concepção freudiana do trauma, integrada no que mais tarde viria a ser nomeado de teoria da sedução, está exposto de modo mais esquemático em alguns textos publicados em 1896, a saber “Hereditariedade e a etiologia das neuroses”, “Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa” e “A etiologia da histeria” (Carvalho e Ribeiro, 2006). Os textos freudianos acerca da sexualidade feminina parecem também conter elementos para uma concepção acerca da teoria da sedução, ganhando especial interesse neste trabalho uma vez que retomam tanto a questão da atividade-passividade quanto, segundo nos aponta Laplanche nos *Novos fundamentos*, a questão da transmissão da sexualidade do adulto – no caso, a mãe – no cuidado efetivo com a criança. (Laplanche, 1992).

Nos três textos freudianos de 1896, a teoria da sedução ganha corpo. Tal teoria compõe, neste período, uma tentativa pioneira de ligação orgânica, do interior, entre recalque e sexualidade (Laplanche, 1985, p.37). Assim, podemos considerar que Freud atesta, ao contrário do que se supunha no meio científico da época, que não eram a hereditariedade ou os fatores biológicos os elementos mais significativos na causação de uma afecção neurótica, mas sim um elemento que tinha a ver com a história do próprio indivíduo, mais precisamente as suas experiências infantis.

Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses” (Freud, 1986/2006a), Freud faz uma apresentação sistemática do mecanismo psíquico que resulta na produção de um sintoma neurótico, retomando o percurso investigativo operado em conjunto com Joseph Breuer. Mediante tais pesquisas clínicas, o autor atesta a existência de um agente causador do sintoma neurótico, agente este que se mostrou presente em todos os casos de neurose analisados. Segundo Freud,

Esse agente é, de fato, uma lembrança relacionada à vida sexual, mas que apresenta duas características de máxima importância. O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente *é uma experiência precoce de relações sexuais com excitação real dos órgãos genitais, resultante de abuso sexual cometido por outra pessoa; e o período de vida em que ocorre esse evento fatal é a infância – até a idade de 8 ou 10 anos, antes que a criança tenha atingido a maturidade sexual* (Freud, 1896/2006a, p.151).

Esta outra pessoa pode ser tanto um adulto quanto uma criança mais velha. Por outro lado, isto que Freud chama de agente não é responsável, por si só, pelo trauma psíquico. No intuito de explicitar o mecanismo do trauma, o psicanalista escreve sobre aquilo que mais tarde seria nomeado como o tempo do *a posteriori*, ou seja, um mecanismo de ação em dois tempos do trauma psíquico, a partir do qual uma primeira inscrição psíquica datada da infância é reativada por meio de uma segunda experiência e resignificada:

É precisamente por estar o sujeito em sua primeira infância que a excitação sexual precoce surte pouco ou nenhum efeito na época; mas seu traço psíquico é preservado (...) Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual. (Freud, 1896/2006a, p. 152)

Nas “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (Freud, 1986/2006b), Freud reitera tais afirmações, nomeando de maneira explícita esta primeira experiência infantil enquanto sedução. O autor reafirma que a origem da afecção neurótica pode ser delimitada na ocorrência de um trauma sexual na infância, acrescentando novamente que “não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua revivescência como lembrança depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual.” (Freud, 1986/2006b, p. 165). Portanto, uma retomada das asserções já veiculadas no texto anteriormente publicado.

Ainda neste texto, o psicanalista busca enfatizar a distinção entre o fenômeno da sedução na histeria e na neurose obsessiva, inserindo a passividade e a atividade diante da experiência de sedução enquanto elementos determinantes no desenvolvimento de uma ou de outra afecção. Afirma Freud acerca da etiologia da neurose obsessiva, considerando a sedução também na histeria:

As experiências sexuais da primeira infância têm na etiologia da neurose obsessiva a mesma importância que na histeria. Aqui, entretanto, não se trata mais de passividade sexual, mas de atos de agressão praticados com prazer e da participação prazerosa em atos sexuais – ou seja, de atividade sexual. (...) em todos os meus casos de neurose obsessiva, descobri um substrato de sintomas histéricos que puderam ser atribuídos a uma cena de passividade sexual que precedeu a ação prazerosa. Suspeito que essa coincidência não seja fortuita, e de que a agressividade sexual precoce implique sempre uma experiência definitiva sobre a etiologia da neurose obsessiva (Freud, 1986/2006b, pp.168-9).

Mediante uma análise da histeria, da neurose obsessiva e da paranoia a partir da teoria da sedução, Freud postula, portanto, uma origem psíquica para a fenomenologia clínica da psicopatologia observada na época. Neste movimento, localiza o mecanismo do recalçamento enquanto núcleo do processo psíquico que dá origem ao sintoma neurótico, reforçando que o recalque só pode incidir sobre uma experiência sexual infantil (Freud, 1986/2006b, p.182).

Já em “A etiologia da histeria” (Freud, 1896/2006c), Freud se debruça de maneira mais detida nos mecanismos de causação da histeria, mas também da neurose em geral. É neste texto que o autor retoma alguns eventos desencadeantes do padecimento histérico, localizados muitas vezes na puberdade, e trata de cenas onde a sexualidade é presente. Por outro lado, investiga também situações banais que despertam a histeria, como um toque de mãos ou uma charada que sugira uma resposta obscena. Freud dá início, assim, ao processo de investigação das cadeias de lembranças associadas às cenas aparentemente triviais na tentativa de encontrar o determinante traumático, processo esse que sempre resultava em um achado na infância do sujeito que correspondia à vivência de uma experiência infantil.

Segundo escreve,

Essas experiências infantis são, mais uma vez, de conteúdo sexual, mas de um tipo muito mais uniforme do que as cenas de puberdade anteriormente descobertas. Não se trata mais de temas sexuais que tenham sido despertados por uma ou outra impressão sensorial, mas de experiências sexuais que afetaram o próprio corpo do sujeito – de *contato sexual* (no sentido mais amplo). (Freud, 1986/2006c, p.199).

É interessante destacar que neste texto Freud delimita três tipos de situações que podem representar a sedução na infância: o abuso praticado por um adulto sem consentimento da criança, com caráter de susto para essa criança; o abuso por um cuidador, ou melhor, a iniciação da criança no contato sexual por um adulto cuidador ou parente; e relações infantis entre duas crianças, uma das quais deve ter sido previamente seduzida por um adulto. Assim, faz uma

afirmação valiosa, que poderia ter inspirado profundamente Laplanche em sua formalização de uma situação originária:

Todas as singulares condições em que esse par inadequado conduz suas relações amorosas – de um lado o adulto que não consegue escapar de sua parcela na dependência mútua necessariamente implicada por uma relação sexual, mas que, apesar disso, está munido de completa autoridade e do direito de punir, e que pode inverter esses papéis para a satisfação irrestrita de seus caprichos; e de outro lado, a criança, que em seu desamparo fica à mercê dessa vontade arbitrária, que é prematuramente despertada para todo tipo de sensibilidade e exposta a toda sorte de desapontamentos, e cujo desempenho das atividades sexuais que lhe são atribuídas é frequentemente interrompido pelo controle imperfeito de suas necessidades naturais -, todas essas incongruências grotescas, mas trágicas, mostram-se impressas no desenvolvimento posterior do indivíduo e de sua neurose. (Freud, 1986/2006c, p.210).

Vemos, assim, que neste período Freud se esforçava para caracterizar um mecanismo inteiramente psíquico, responsável pela causação dos sintomas neuróticos, e que incluísse a operação do recalque e a sexualidade enquanto elementos fundamentais neste processo. Segundo Laplanche, isso representa uma passagem de um modelo traumático físico para um traumatismo psíquico por meio de um movimento preciso, que é a passagem do externo ao interno. Ainda segundo o mesmo autor, o que definiria o traumatismo psíquico não seria, portanto, uma qualidade geral do psiquismo, mas o fato de que tal traumatismo viria do interior (Laplanche, 1985, p.49), fato que marca o avanço da psicanálise na compreensão das psiconeuroses em detrimento de outras afecções psíquicas.

A partir dos elementos colocados acima, especialmente da situação descrita por Freud em *A etiologia da histeria* enquanto situação que originaria o sintoma psíquico, seria possível dizer que a relação fundamental na causação da neurose – aqui ainda temos um Freud preocupado em explicar os processos psicopatológicos, sem pretensão expressa de caracterizar o psiquismo normal – é precisamente uma relação entre um adulto ativo e uma criança passiva?

Se a resposta para tal questionamento for positiva, conforme acreditamos, isso parece delimitar o elemento preciso encontrado por Laplanche em sua conceituação do binômio atividade-passividade em sua relação necessária com a situação originária.

Antes de avançar neste ponto, porém, é necessário observar que tais proposições de Freud são confirmadas – e diríamos até mesmo incrementadas – por seus escritos publicados quase quarenta anos depois, em seus textos sobre sexualidade feminina. Tais textos nos são preciosos, neste momento, por retomarem a questão da atividade e da passividade da criança na relação com o adulto, bem como por evidenciarem que a sedução se realiza, sobretudo, por meio da relação de cuidado estabelecida entre um adulto (no caso, a mãe) e uma criança.

Em ambos os textos, Freud já havia abandonado sua teoria da sedução enquanto ferramenta explicativa da patologia neurótica, introduzindo a dimensão da fantasia e caracterizando a fantasia de sedução por um adulto como elemento comum a todo padecimento neurótico. Contudo, o que há de novo nestes textos é algo que se destaca no trecho que se segue, no qual Freud introduz a dinâmica do cuidado enquanto produtora, por si só, da sedução:

Apenas mais tarde pude reconhecer nessa fantasia de ser seduzida pelo pai a expressão do típico complexo de Édipo nas mulheres. E agora encontramos mais uma vez a fantasia de sedução na pré-história pré-edipiana das meninas; contudo o sedutor é regularmente a mãe. Aqui, a fantasia toca o chão da realidade, pois foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina. (Freud, 1932/2006g, p.121)

No mesmo texto, enquanto faz a distinção entre ativo-passivo e masculino-feminino e alerta para os riscos de se sobrepor um par ao outro, Freud afirma: “uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos; a própria amamentação também pode ser descrita como a mãe dando o seio ao bebê, ou ela sendo sugada por este” (Freud, 1932/2006g, p. 116). Tal asserção

está de acordo com outra apresentada por Freud um ano antes, portanto também no final de sua obra, em “Sexualidade Feminina”:

O papel desempenhado, em seu começo, pela higiene infantil, reflete-se na fantasia muito comum que transforma a mãe ou a babá em sedutora. Que as meninas se masturbem com menos frequência e, desde o princípio, com menos energia que os meninos, não é certo; possivelmente, assim acontece. A sedução real também é bastante comum; é iniciada quer por outras crianças, quer por alguém encarregado da criança que deseja acalmá-la, pô-la para dormir ou torná-la dependente dele. Onde intervém, a sedução invariavelmente perturba o curso natural dos processos de desenvolvimento e com frequência deixa atrás de si consequências amplas e duradouras” (Freud, 1931/2006f, p.240)

Ainda que tratando a sedução também em termos de fantasia, Freud discorre, neste ponto, sobre a sedução de caráter real e sobre seus efeitos perturbadores no processo de desenvolvimento. Ora, segundo aponta Laplanche (1985), podemos ver nestes trechos uma retomada freudiana de um tema que lhe foi extremamente caro no início de suas produções teóricas: a factualidade da circunstância de sedução. Assim,

a sedução, no pensamento freudiano, remete a dois registros: por um lado, é uma constatação clínica sucessivamente afirmada, diminuída, questionada, reafirmada ainda, e assim até os últimos escritos; e, por outro lado, é uma teoria elaborada a partir da observação dos fatos de sedução (Laplanche, 1985, p.38).

Parece-nos que, considerando a importância do fato da sedução na vida psíquica dos sujeitos, Freud escreve e reescreve sobre o tema, deixando entrevista a importância capital que atribui a ele. O autor faz, por fim, no texto de 1931, uma afirmação que retoma e reafirma algo que já localizara em 1896, ainda que não tenha se debruçado mais sobre a temática para produzir um desenvolvimento extenso da questão. Falamos, neste ponto, da relação de dissimetria existente entre o adulto e a criança em seus processos de cuidado, e que Freud traz novamente no texto sobre a sexualidade feminina, quando afirma que

As primeiras experiências sexuais e sexualmente coloridas que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo. Ela é amamentada, alimentada, limpa e vestida por esta última, e ensinada a desempenhar todas as suas funções. Uma parte de sua libido continua aferrando-se a essas experiências e desfruta das satisfações e elas relacionadas: outra parte, porém, esforça-se por transformá-las em atividade. (Freud, 1931/2006f, p.244).

Tendo em vista os elementos expostos, parece-nos clareada a hipótese que sustentamos de que é na leitura da teoria da sedução de Freud que Laplanche encontra os principais elementos que fundamentam a construção de uma teoria da constituição do psiquismo que tem como um fundamento o binômio atividade-passividade. A relação de dissimetria entre um adulto em posição de atividade e uma criança à mercê dos significantes sexuais implantados por esse, portanto passiva, advém principalmente dos escritos freudianos sobre a sedução, uma vez que neles se encontram os elementos necessários – muitas vezes de maneira explícita, como no trecho acima – para se pensar a situação originária segundo a formulou Laplanche.

Conforme afirma Laplanche,

apesar da constante oscilação entre termos tais como: realidade, imaginação pura, reconstrução retrospectiva, etc., Freud afirmará sempre e cada vez mais, a sedução como um fato, a ponto de apresentá-la, ao final de sua obra, como um dado quase universal: há, na realidade, uma sedução à qual não escapa praticamente nenhum ser humano - a sedução dos cuidados maternos. Os primeiros gestos da mãe na sua relação com a criança são necessariamente impregnados de sexualidade (Laplanche, 1985, p.41)

É, portanto, inevitável concluir que a descoberta freudiana da sedução infantil, ainda que por diversas vezes atravessada por um movimento de recalçamento do autor que impede desenvolvimentos ulteriores mais precisos, representa a maior inspiração de Laplanche na formulação de sua própria teoria, a Teoria da Sedução Generalizada.

## Considerações Finais

Ao longo de seu percurso de construção teórica, retomando a obra freudiana, Laplanche deteve-se em temáticas específicas, explorando-as a partir de um viés crítico que se baseia na própria ideia do recalçamento enquanto ferramenta de leitura da teoria psicanalítica. Assim, seus avanços teóricos se expressam, na Teoria da Sedução Generalizada, a partir da proposição de uma situação fundamental marcada pela dissimetria própria ao binômio atividade-passividade, inspirada, conforme foi possível observar, principalmente naquilo que chamou de teoria da sedução restrita de Freud, bem como nos desenvolvimentos da teoria da pulsão na obra freudiana.

Deste modo, retomando os escritos propostos em *Vida e morte em psicanálise* e nos *Novos fundamentos para a psicanálise*, fica claro que a primazia do outro na gênese da sexualidade é de fato a grande preocupação de Laplanche em uma reformulação da teoria psicanalítica, culminando em uma ideia original de constituição da subjetividade. Os escritos freudianos que versam sobre a questão da atividade-passividade apresentam-se, neste contexto, como contribuições teóricas importantes para Laplanche em suas próprias formulações, especialmente na medida em que dialogam com o conceito de sedução. O efeito disso é que a própria ideia de sexualidade ganha uma atenção especial e uma reformulação no âmbito psicanalítico que amplia sua abrangência na dimensão da experiência humana.

Mas já não se configurava a sexualidade como um elemento central no pensamento freudiano, sendo defendida enquanto conceito-chave na produção de qualquer teoria que se pretendesse psicanalítica? Freud já o teria afirmado, sem dúvida, e atestado de diversas maneiras a premência da sexualidade na constituição do psiquismo humano. Neste sentido, qual teria sido a contribuição de Jean Laplanche, tendo em vista a introdução da atividade-

passividade enquanto conceito fundamental na constituição do psiquismo, pensando a sua inter-relação com a sexualidade?

A partir das reflexões propostas neste trabalho, consideramos que a elevação do binômio atividade-passividade enquanto elemento fundamental e inelutavelmente presente nos primórdios da vida humana – uma vez que caracteriza uma situação que se propõe originária – corresponde a um avanço de extrema relevância no campo psicanalítico, haja a vista a premência que atribuí à alteridade na constituição da subjetividade. Isto é, a sexualidade em psicanálise passa a ser encarada enquanto algo que é incitado, ou melhor, implantado, como diria Laplanche, somente e unicamente a partir de uma relação intersubjetiva, necessariamente uma relação entre um adulto ativo e uma criança passiva diante dele.

A importância atribuída à história de vida do sujeito em sua relação com o outro, neste sentido, representa uma perspectiva que permite a proposição de avanços na teoria psicanalítica, bem como produz efeitos práticos relevantes. No campo da teoria, poderíamos pensar na contribuição laplancheana enquanto a continuidade de revolução inaugurada por Freud no sentido do descentramento do ser humano, conforme nos aponta Luiz Carlos Tarelho (2012). Isto tendo em vista a sustentação de uma racionalidade original inaugurada por Freud, na medida em que se resgata o atravessamento do ser humano por algo que lhe é completamente estranho, da ordem da alteridade e do enigma. Na mesma direção, Paulo de Carvalho Ribeiro (1996) afirma, a respeito da retomada da teoria da sedução por Laplanche, que o mais relevante neste processo é a recuperação da fonte, da essência da sexualidade: a primazia do outro. Isto é, “a referência ao outro como inoculador de substratos pulsionais e causador do inconsciente” (Ribeiro, 1996, p.52), sendo esse outro elevado à “instância asseguradora de todas as pulsões e do sexual em todas as pulsões” (Ribeiro, 1996, p.52). Um outro, neste sentido, que somente se configura como tal em virtude da relação originária de dissimetria que estabelece com a criança, sob a égide do binômio atividade-passividade.

Do ponto de vista prático, pensando na clínica psicanalítica, a presença da alteridade e do enigma na constituição do psiquismo são noções de extrema valia, uma vez que permitem a instauração do lugar pulsional próprio ao setting analítico. Um lugar que possibilita a reativação da relação originária do sujeito com seu enigma e com seu portador – o analista, no caso – o que é favorecido pela relação de dissimetria estabelecida no vínculo analítico (Tarelho, 2012). Isto é, para que a efetividade da relação analítica em sua dimensão terapêutica aconteça – o que corresponde à possibilidade de construção de novas narrativas pelo sujeito em detrimento da fixidez das traduções organizadas diante dos enigmas que lhe foram impostos na situação originária pelo outro – é necessário que uma alteridade se imponha novamente, reativando a situação de passividade originária, no intuito de produzir desconstruções e novas construções. O trabalho analítico de cura se vê, assim, intrinsecamente relacionado à dinâmica da atividade e da passividade na vida humana.

## Referências Bibliográficas

Campos, E.B.V. (2012). Os fundamentos da constituição subjetiva segundo Laplanche. Revista Impulso, 22 (55) 21-34. Piracicaba.

Carvalho, M.T.; Ribeiro, P.C. (2006) Modelos do trauma em Freud e suas repercussões na psicanálise pós-freudiana. Revista Percurso, 37 33-44.

Fontes, Flávio Fernandes. (2008). O conflito psíquico na teoria de Freud. Psychê, 12 (23) Recuperado em 24 de julho de 2015, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-11382008000200011&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382008000200011&lng=pt&tlng=pt).

Freud, S. (2006a) A hereditariedade e a etiologia das neuroses. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. III. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1896)

\_\_\_\_\_ (2006b) Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. III. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1896)

\_\_\_\_\_ (2006c) A etiologia da histeria. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. III. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1896)

\_\_\_\_\_ (2006d). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. VII. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1905)

\_\_\_\_\_ (2006e). Os instintos e suas vicissitudes. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. XIV. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1915)

\_\_\_\_\_ (2006f). Sexualidade feminina. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. XXI. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1931)

\_\_\_\_\_ (2006g). Novas conferências introdutórias – Feminilidade. Em Freud, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud v. XXII. Imago: Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1932)

Knobloch, F. (1988). O tempo do traumático. São Paulo: Educ.

Laplanche, J. (1985) Vida e morte em psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_ (1992). Novos fundamentos para a psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (2001) Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes

Poli, Maria Cristina. (2007). A Medusa e o gozo: uma leitura da diferença sexual em psicanálise. Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, 10 (2) 279-294. Recuperado em 24 de julho de 2015, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982007000200009&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982007000200009&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S1516-14982007000200009.

Ribeiro, P. C. (1996) Sedução generalizada e primazia do sexual. Percurso: Revista de Psicanálise, VIII (16) 49-57.

Sales, L. S. (2002) Fantasia e teorias da sedução em Freud e em Laplanche. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 18 (3) 323-328.

Tarelho, L.C. (2012). A Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. Jornal de Psicanalise, 45 (83) 97-108.